

*Clélio Campolina Diniz*

Presidente da AULP 2010-2011

Inicialmente, gostaria de registrar meu reconhecimento aos idealizadores da AULP e a seus presidentes, em especial ao Prof. António Simões Lopes, seu primeiro Presidente (1986-1996), mas também aos que o sucederam, Profs. Ruy Pauleti (1996-1999), Brazão Mazula (1999-2002), João Teta (2002-2005), Adriano Pimpão (2005-2006), João Guerreiro (2006-2008), Ronaldo Tadeu Pena (2008-2009), Jorge Ferrão (2011-2014) e ao atual presidente, Prof. Rui Martins.

Embora meu período de presidência tenha sido de apenas um ano e meio, já que estava completando o mandato da UFMG na presidência, esta foi a grande oportunidade que tive, como Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais (2010-2014), de reforçar nossos laços com Portugal, com as nações africanas de língua oficial portuguesa, Angola, Cabo Verde, Moçambique Guiné Bissau e São Tome e Príncipe, e com Macau e o Timor Leste.

Desde início reforcei minha convicção que a riqueza histórica e cultural da comunidade de língua portuguesa precisa ser valorizada e vista como um grande potencial para o desenvolvimento dos nossos povos. Aprendi muito, através da convivência com os demais colegas das universidades de língua portuguesa, da importância de estreitarmos ainda mais nossos laços de cooperação e colaboração. Ainda que forjada de forma brutal, nossa identidade linguística e cultural são um patrimônio valioso, que devemos cultivar e ampliar em prol da busca de projetos de desenvolvimento que sejam capazes de levar em conta nosso potencial econômico e social e nossa diversidade, dentro de uma filosofia de solidariedade e justiça social. Se educação foi sempre a base do desenvolvimento no mundo moderno, na era da sociedade do conhecimento a tríade educação, ciência e tecnologia constituem os maiores instrumentos para a promoção do desenvolvimento econômico e para a busca da justiça social e da sustentabilidade ambiental. Nesse sentido, as Universidades dos países de língua portuguesa têm a maior responsabilidade e o maior papel para o estreitamento das nossas relações e para a busca do almejado projeto de desenvolvimento, para o nosso fortalecimento como Nações e para um melhor posicionamento na ordem global.

Herdei a presidência da AULP quando fui eleito reitor da UFMG. Não tendo escolhido a presidência, não via sentido em estar nesta posição a não ser investindo em renovar o projeto acadêmico da Associação. Assim, ao tomar posse como novo presidente da AULP, auxiliado pelo Prof. Eduardo Vargas, competente e dinâmico diretor de relações internacionais da UFMG, procurámos formular um programa de atividades francamente acadêmicas para a Associação. A ideia de

elaborar uma proposta de um projeto acadêmico robusto nos ocorreu no primeiro Encontro que tive o privilégio de presidir, ocorrido em Macau, em 2010, poucos meses após ter me tornado reitor da UFMG. No Encontro de 2011, em Bragança, Portugal, discutimos e aprovamos no Conselho de Administração e na Assembleia da AULP a proposta que vínhamos elaborando sob o nome de PIAPEE, Programa Internacional de Apoio à Pesquisa, ao Ensino e à Extensão. O PIAPEE teve por objetivo ampliar a mobilidade docente e discente entre as várias universidades dos diferentes países, incrementar a preparação de projetos de pesquisa conjuntos e estimular a integração entre os programas de pós-graduação. Além disso, ele teve por parâmetro a reciprocidade das relações institucionais (pois propôs mobilidade internacional em dupla direção), a abrangência de áreas de conhecimento e de níveis acadêmicos (pois estava aberto a estudantes de graduação e pós-graduação e a professores e pesquisadores seniores das diferentes especialidades), e a inclusão das atividades de extensão no leque de projetos de cooperação acadêmica internacional, o que não é usual. Tudo isso calcado em uma política de internacionalização solidária, de incremento da cooperação entre os povos sem dominação e sem subordinação. Era importante investir no marco institucional, mas não suficiente. Procurando fazer o que nos era possível, apresentamos o PIAPEE à Presidência da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento dos programas de Ensino Superior), do Ministério da Educação do Brasil, no intuito de sensibilizá-la a colocar recursos no projeto. Após longa negociação a CAPES lançou, no Encontro da AULP realizado em 2012 em Maputo, Moçambique, o Programa Pro-Mobilidade Capes/AULP. Com uma chamada em 2012 e uma segunda chamada em 2013, o Programa Pro-Mobilidade Capes/AULP viria a apoiar um conjunto de projetos de longa duração, conduzidos por universidades brasileiras e africanas ou do Timor Leste. No Encontro da AULP de 2013 juntamos a satisfação de sermos os anfitriões e de vermos os primeiros resultados efetivos do Programa, quando pudemos comemorar o amplo e diversificado leque de projetos apoiados.

Este Programa, que ainda se encontra em vigor, veio a se somar a outros de que a UFMG em particular, e as universidades públicas brasileiras em geral participam e que envolvem universidades ou estudantes africanos. Entre estes destaco o Programa Estudante Convênio – Graduação, o PEC-G, que há mais de 50 anos fomenta a vinda de estudantes africanos para realizarem seus cursos de licença ou graduação no Brasil, contanto que retornem aos seus países de origem ao final do curso, o Programa Estudante Convênio – Pós-Graduação, o PEC-PG, criado há 35 anos, o PROFOR, Programa de Iniciação Científica Internacional mantido com Angola, Cabo Verde, Moçambique e Guiné Bissau, bem como o Programa Pro-África, que apoia pesquisas em conjunto com universidades africanas e que tive a oportunidade, depois de deixar a presidência da AULP e a reitoria da

UFMG, já na condição de Ministro da Ciência e da Tecnologia do Brasil, a lançar novo edital.

Se as relações com universidades de países africanos foram incrementadas neste período, as relações com Portugal não ficaram para trás. Ao contrário, os Encontros da AULP foram espaços privilegiados para que reitores e gestores de relações internacionais de universidades brasileiras e portuguesas incrementassem a participação em programas como o Ciência Sem Fronteira e o PLI, o Programa de Licenciatura Internacional, para não falar do chamado sistema de “bolsa sanduiche” para alunos que cursam pós-graduação no Brasil, com estágios de 6 meses a um ano em um programa correspondente em Portugal.

Desde que me tornei presidente da AULP realizei várias viagens a Portugal, duas viagens a Moçambique, uma a Angola, duas a Cabo Verde. Fui três vezes a Macau. Já após ter deixado a presidência, realizei viagem a São Tomé e Príncipe para participar da preparação de um projeto para a criação de uma universidade pública naquele país. É uma pena não poder ter comparecido ao Timor Leste para celebrar com os colegas os 30 anos da AULP!

Não foi fácil tomar parte de tudo isso, mas decerto foi um privilégio e um grande aprendizado. E se logrei fazer alguma coisa, é porque muitos outros me ajudaram. A eles sou grato.